

Radar

CNC

REVISTA DIGITAL DO
CONSELHO NACIONAL DO CAFÉ

ANO 3 - EDIÇÃO 27 - JUNHO DE 2025

O SETOR DE CAFÉ NO BRASIL ESTÁ PREPARADO PARA O REGULAMENTO DA UNIÃO EUROPEIA SOBRE PRODUTOS LIVRES DE DESMATAMENTO?

*CLIPPING MENSAL DE NOTÍCIAS INTERNACIONAIS, RESUMIDAS E TRADUZIDAS, DE PAÍSES
PRODUTORES E CONSUMIDORES DE CAFÉ, PUBLICADAS DE 01/06/2025 A 30/06/2025.



O CONFLITO CRESCENTE NO ORIENTE MÉDIO
AFETARÁ A INDÚSTRIA DO CAFÉ?



ROBÓTICA E A AUTOMAÇÃO REDUZEM
DEPENDÊNCIA DE TRABALHO NO CAFÉ", DIZ
ESPECIALISTA EM IA



Conselho Nacional do Café

SCN Qd. 01, Bloco C, Nº 85, Ed. Brasília Trade Center
Sala 1.101 ... Brasília (DF) - CEP: 70711-902
Telefone: (61) 3226-2269
www.cncafe.com.br

Expediente

Presidente do Sistema OCB

Márcio Lopes de Freitas

Presidente do CNC

Silas Brasileiro

Coordenador / Credicocapec

Carlos Sato

Conselheiros Diretores

OCB/ES - Bento Venturim

Cocapec - Carlos Sato

Cocatrel - Jacques Fagundes Miari

Coccamig - Marco Valério Araújo Brito

Cooxupé - Carlos Augusto Rodrigues De Melo

Federação dos Cafeicultores do Cerrado Mineiro - Gláucio de Castro

Minasul - José Marcos Rafael Magalhães

Sicoob - Luciano Ribeiro Machado

BSCA - Carmem Lúcia Chaves de Brito

Secretária-Executiva

Márcia Chiarello

Assessoria Técnica

Luiza Mantiça Kreimeier e Marcela Trávassos

Consultor Técnico

Argileu Martins

Secretariado

Vanessa Cristina / João Paulo Paiva

Luciana Alves / Alessandra dos Santos

Operacional

Juraci Lima

Comunicação Áudio Visual

Marcelo Lara

Redação e Edição

Alexandre Costa / Luiza Mantiça Kreimeier / Marcela Trávassos

Direção e Diagramação

Alexandre Costa / Luiz Felliipe Costa



Internacionalização fortalece o protagonismo das cooperativas brasileiras de café no cenário global

A abertura de novos mercados internacionais é, hoje, uma das maiores oportunidades para as cooperativas brasileiras, especialmente no setor cafeeiro. Com uma estrutura sólida formada por cooperativas singulares, bancos cooperativos de crédito e cooperativas de produção, o Brasil tem demonstrado sua capacidade de se posicionar como um protagonista global, unindo qualidade, sustentabilidade e organização produtiva.

Nesse cenário, o Sistema OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras, sob a liderança do presidente Márcio Lopes de Freitas, tem desempenhado papel estratégico na promoção da internacionalização do cooperativismo agropecuário, com a missão de fortalecer a competitividade do café brasileiro no exterior, ampliando mercados e valorizando o modelo cooperativista.

Um exemplo concreto dessa articulação institucional é a 1ª Rodada de Negócios Internacional voltada exclusivamente para cooperativas produtoras de café, marcada para o dia 4 de novembro de 2025, em Belo Horizonte (MG), dentro do Programa NegóciosCoop – Mercado Internacional. A ação antecede a Semana Internacional do Café (SIC), um dos principais eventos do setor no Brasil, e oferece às cooperativas uma estrutura completa para inserção no mercado externo, com consultoria especializada, apoio logístico, tradução durante as reuniões e custeio de passagens.

Para nós, do Conselho Nacional do Café (CNC), braço operacional da OCB na cafeicultura, essa iniciativa reforça uma das frentes mais relevantes do momento: a exportação como motor do crescimento sustentável da cafeicultura brasileira. O Conselho, que representa institucionalmente as cooperativas e federações do setor, tem atuado para garantir que as políticas públicas e os programas de apoio levem em consideração as necessidades dos produtores organizados em sistema cooperativo. A presença do CNC no debate internacional, inclusive em fóruns como a Organização Internacional do Café (OIC), amplia a visibilidade do café cooperativista brasileiro como referência em qualidade e responsabilidade socioambiental.

As cooperativas, que reúnem milhares de famílias produtoras, são hoje referência na produção de cafés diferenciados, beneficiados, torrados, moídos e em cápsulas – produtos com alto valor agregado e cada vez mais demandados pelo mercado internacional. Já os bancos cooperativos de crédito desempenham um papel fundamental ao oferecer ferramentas financeiras específicas para exportação, ajudando na preparação e execução das negociações internacionais. As cooperativas de produção, por sua vez, garantem a rastreabilidade, o controle de qualidade e o compromisso ambiental exigidos pelos novos padrões de consumo global.

Com a atuação articulada do Sistema OCB, do CNC e das cooperativas em suas diversas formas, o café brasileiro chega ao mundo não apenas como um produto de excelência, mas como um símbolo de organização, inclusão produtiva e desenvolvimento sustentável.

A internacionalização, portanto, não é apenas uma estratégia de expansão comercial, mas uma expressão da força coletiva do cooperativismo brasileiro – que, com o apoio de lideranças como do presidente Márcio Lopes de Freitas, abre caminhos para que nossas cooperativas ocupem, com protagonismo, seu lugar no cenário mundial.

Por Silas Brasileiro, Presidente do CNC.



O setor de café no Brasil está preparado para o Regulamento da União Europeia sobre Produtos Livres de Desmatamento?



Na sequência de nossa série sobre o mercado para cafés brasileiros na Europa, avaliamos até que ponto o Brasil está preparado para a entrada em vigor do EUDR.

A importância da UE para o mercado de café brasileiro

Não é necessário lembrar que a UE é um mercado importante para o café brasileiro. **Em 2024, o Brasil exportou quase US\$11,4 bilhões em café, sendo que praticamente metade desse valor foi destinado à UE. A Alemanha por si só importou US\$1,8 bilhão do nosso café, enquanto a Bélgica e a Itália importaram cerca de US\$1 bilhão cada.** Os Estados Unidos são o único mercado não europeu que atingiu magnitudes semelhantes, importando US\$1,9 bilhão de café brasileiro em 2024.



Nesse contexto, é importante observar que o mercado internacional de café está passando por uma série de desafios sem precedentes. Os Estados Unidos impuseram tarifas de pelo menos 10% sobre todas as importações (incluindo o café brasileiro). Do outro lado do Atlântico, o “Green Deal” da UE estabelece requisitos rigorosos de sustentabilidade para os produtos que entram no mercado único europeu. **Neste artigo, avaliamos até que ponto o café brasileiro está pronto para atender às exigências do Regulamento da UE sobre Produtos Livres de Desmatamento.**



O EUDR exige que o café importado para a UE seja rastreável, livre de desmatamento, e produzido em conformidade com as leis nacionais

O EUDR cria obrigações para as empresas europeias que importam café para o mercado da UE. A partir de dezembro de 2025, essas empresas terão que certificar-se que o café que importam atende a três requisitos:

Desmatamento zero

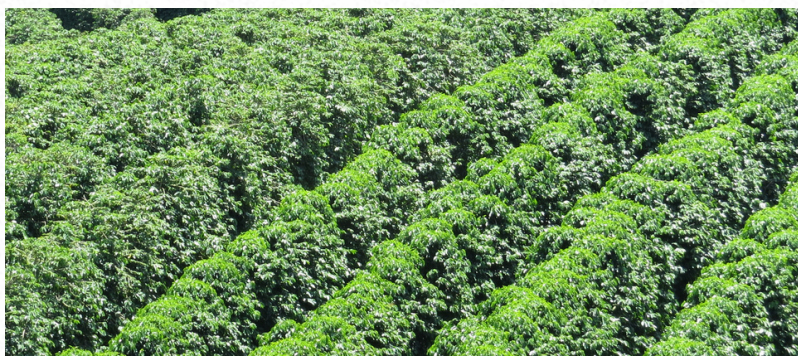
O café não deve ter sido cultivado em terras que foram desmatadas após 31 de dezembro de 2020.

Rastreabilidade

Os importadores devem ser capazes de identificar as parcelas individuais de terra onde o café foi produzido e fornecer garantias às autoridades europeias de que o café realmente originou das mesmas.

Legalidade

O café deve ter sido produzido em conformidade com as leis do país produtor. No caso do Brasil, as leis aplicáveis incluem o Código Florestal Brasileiro, a legislação fundiária, as leis trabalhistas e outras regulamentações ambientais (p.ex., sobre agroquímicos).



Embora seja responsabilidade dos compradores europeus avaliar o risco de não-conformidade, **é importante que o setor cafeeiro brasileiro se una e facilite esse processo para o nosso maior cliente. Isso não somente garantiria nosso acesso ao mercado europeu mas também geraria uma vantagem competitiva para a nossa origem** em comparação com os nossos concorrentes.



O café brasileiro não desmata

Vamos começar analisando o desmatamento no setor cafeeiro. **Um estudo do Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (IIS) concluiu que o café é a commodity brasileira com o menor índice de risco de desmatamento**, bem à frente de setores como soja, madeira e óleo de palma.

O mesmo estudo estima que **apenas 0,1% das áreas desmatadas para fins agrícolas no Brasil estariam associadas à produção de café**.

Da mesma forma, um estudo da **Universidade Federal de Minas Gerais** constatou que **99% das 115.000 propriedades rurais produtoras de café registradas no Cadastro Ambiental Rural (CAR) em Minas Gerais não apresentaram desmatamento significativo após 2008**.

Com base nesses dois estudos e em outros, os compradores europeus de café podem se sentir confiantes, visto que praticamente a totalidade da produção cafeeira brasileira não está associada ao desmatamento.

De toda forma, os compradores terão que realizar suas próprias verificações para garantir que não estão adquirindo café de áreas desmatadas. **Aqueles que compram do Brasil têm acesso a uma grande quantidade de dados de alta qualidade sobre o uso dos solos e o desmatamento, disponibilizados ao público pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)**.

O Brasil sempre foi pioneiro no uso de tecnologia para monitorar o desmatamento e as mudanças no uso da terra. Após a entrada em vigor do EUDR, nossos investimentos em monitoramento florestal e proteção ambiental podem finalmente se tornar uma vantagem competitiva para nossos produtores de café.

Praticamente todas as fazendas de café do Brasil já foram georeferenciadas

O setor cafeeiro brasileiro desfruta de outra grande vantagem em termos de conformidade com o EUDR: praticamente todas as nossas fazendas de café já foram geolocalizadas para fins de registro no Cadastro Ambiental Rural (CAR).



O georreferenciamento das propriedades rurais é uma obrigação legal no Brasil desde a aprovação do novo Código Florestal em 2012. Isso significa que o Brasil já fez o trabalho árduo de localizar as propriedades e elaborar mapas (ou “polígonos”, para usar o termo técnico do EUDR). Quando o EUDR entrar em vigor, os compradores europeus terão que fazer uma escolha. Para comprar de outras origens, é possível que tenham que fazer investimentos significativos em exercícios de mapeamento de propriedades e coleta de dados geoespaciais. **No Brasil, eles podem contar com dados que estão disponíveis gratuitamente ao público por meio do Sistema de Cadastro Ambiental Rural (Sicar).**

Há uma pequena ressalva a esse respeito: os dados coletados para fins de registro no CAR não são totalmente consistentes com o EUDR. Os polígonos do CAR englobam a totalidade da propriedade rural, enquanto os polígonos necessários para a conformidade com o EUDR devem incluir apenas as áreas dedicadas à produção de café. Entretanto, a existência de polígonos agrícolas coloca o Brasil muito à frente de seus concorrentes e já serve como base para os sistemas de devida diligência dos compradores europeus. Não será difícil converter os polígonos do CAR em polígonos do EUDR, sobrepondo-os a imagens de satélite ou mapas de uso dos solos.





Atualização do mapeamento do parque cafeeiro

Nesse meio tempo, o CNC, junto com os demais membros da iniciativa privada do Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC), está trabalhando intensamente - investindo recursos do Funcafé - para promover a atualização do mapeamento do parque cafeeiro a nível nacional, o que nos fornecerá informações ainda mais detalhadas sobre o nosso café e facilitará ainda mais a conformidade com o EUDR para nossos clientes na Europa.

No Brasil, a rastreabilidade do café à sua origem é possível

Ao longo dos anos, o Brasil também tem construído uma vantagem competitiva no campo da rastreabilidade, que é um dos aspectos mais desafiadores do EUDR. **Após a entrada em vigor do EUDR, os compradores europeus precisam não apenas manter um registro dos seus fornecedores diretos (ou seja, os exportadores ou “traders”) mas devem também garantir a existência de uma cadeia de custódia que permite rastrear o café até a sua origem.** Isso é necessário para comprovar uma relação direta entre os volumes comprados e os polígonos agrícolas que serão declarados no Sistema de Informações da UE durante o processo de importação.

No Brasil, a rastreabilidade é facilitada pelo fato de que grande parte da nossa economia, incluindo os segmentos rural e agrícola, opera de maneira formal. **Nossos agricultores são registrados como pessoas físicas (CPF) ou jurídicas (CNPJ). Os produtores, de forma geral, estão integrados ao sistema bancário formal e conseguem fazer e receber pagamentos eletrônicos, que são (por definição) rastreáveis.** Ademais, a compra e a venda de café são quase sempre formalizadas por meio da emissão de uma nota fiscal que registra detalhes importantes sobre a transação: **a identidade do vendedor e do comprador, os volumes vendidos, o preço pago, a data e a hora da transação, entre outras informações.**

Embora essas informações nem sempre estejam diretamente disponíveis para os compradores da UE, a infraestrutura existe para garantir o rastreamento adequado das transações e a coleta e transferência de dados da cadeia de suprimentos, **o que nos confere uma enorme vantagem em relação aos nossos concorrentes.**

O Brasil tem regras ambientais e sociais rígidas

Diferentemente de muitas outras origens, o Brasil tem um conjunto de leis que são abrangentes e rigorosamente aplicadas em todo o país. **Nosso quadro legal cobre todas as principais áreas mencionadas no EUDR: leis fundiárias, proteção ambiental, direitos humanos, direitos trabalhistas, pagamento de impostos e anticorrupção.**

Podemos presumir que a maior parte da nossa produção de café está em conformidade com as leis nacionais; afinal, essas leis já estavam em vigor bem antes da entrada em vigor do EUDR. **No entanto, pode ser difícil para as empresas europeias entenderem nossa complexa estrutura legal e desenvolverem protocolos para avaliar os riscos de ilegalidade em suas cadeias de suprimentos no Brasil.**



Outro risco para o nosso setor cafeeiro é a possibilidade de que cada um dos compradores de café da UE estabeleça seu próprio sistema de verificação, utilizando critérios e processos diferentes dos demais. Em tal cenário, como os nossos produtores, cooperativas e traders vendem para uma variedade de compradores, é possível que eles tenham que coletar um conjunto de documentos e cumprir com processos de verificação diferentes para cada caso, **o que será bastante complexo e oneroso para o nosso setor.**

O Brasil está propondo uma solução. Ferramentas públicas e de acesso aberto serão oferecidas gratuitamente a compradores europeus e outros. Essas ferramentas permitirão, para cada fazenda de café do país, a verificação de conformidade com as leis e regulamentações nacionais.





Em Minas Gerais, a plataforma Selo Verde já pode ser usada para a verificação de conformidade legal das propriedades rurais do setor cafeeiro do Estado.

Além disso, o Governo Federal está desenvolvendo a plataforma AgroBrasil+Sustentável, que informará aos interessados se um determinado produtor se encontra em situação irregular perante a uma série de leis e regulamentações nacionais, cobrindo todas as commodities do EUDR e todas as regiões do país, além de uma nova opção que está sendo desenvolvida pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).



Ambas as ferramentas reúnem dados públicos sobre conformidade legal que já existem e são amplamente utilizados para avaliações de conformidade legal pelo setor financeiro e outros. As ferramentas acima citadas e outras construídas pelas cooperativas podem nivelar as condições para todos os produtores de café do Brasil e trazer consistência e justiça para o processo de devida diligência no nosso país.

Embora seja bem-vindo o desenvolvimento de ferramentas privadas e próprias por cooperativas e comerciantes, é importante que o processo de verificação não se torne um gargalo para os produtores, seja pelo custo de acesso às ferramentas privadas ou pela possibilidade de erros de processamento ou de interpretação. **Neste sentido, é importante que os produtores tenham acesso a sistemas públicos que lhes permitam contestar os resultados de uma avaliação de due diligence da qual discordem.**



Conclusão

O Regulamento da União Europeia sobre Produtos Livres de Desmatamento será um desafio para o Brasil, que possui um dos maiores setores agrícolas do mundo e fornece uma enorme proporção dos alimentos necessários para alimentar a população global.

O café é uma de nossas mais importantes produtos de exportação e um dos segmentos mais prestigiados e tecnologicamente avançados de nosso setor agrícola. Não podemos nos dar ao luxo de ficar para trás.

Dito isso, o Brasil está bem posicionado para enfrentar esse desafio. Nosso quadro legal é rigoroso e abrangente em questões relativas à sustentabilidade ambiental e social. Estamos rapidamente desenvolvendo sistemas para provar que o nosso café é rastreável, livre de desmatamento e legal.

Estamos confiantes de que nosso café não apenas atende às exigências da União Europeia, mas também pode se tornar um padrão de sustentabilidade no setor agrícola em todo o mundo.



ICO divulga banco de dados global com mais de 400 projetos de sustentabilidade do café

Diante da crescente demanda por ações mais transparentes e colaborativas na sustentabilidade do café, a Organização Internacional do Café (OIC) relançou o Coffee Sustainability Support Database (C2SD) — uma plataforma interativa que reúne 440 iniciativas e mais de 600 organizações envolvidas em projetos sustentáveis no setor.

Anteriormente conhecido como Mapa de Iniciativas de Sustentabilidade do Café, o novo banco de dados conta com interface aprimorada, visualizações por país e filtros por tipo, objetivo, localização e status dos projetos. A iniciativa foi desenvolvida pela Força-Tarefa Público-Privada da OIC com apoio do Centro de Comércio Internacional (ITC), e está aberta para novos cadastros e atualizações de projetos validados.

De acordo com a diretora executiva da OIC, Vanúsia Nogueira, “Desde a sua criação, o objetivo do Banco de Dados de Apoio à Sustentabilidade do Café tem sido consolidar informações dispersas e torná-las acessíveis aos principais stakeholders. Este novo lançamento marca um grande avanço nessa missão, oferecendo ferramentas aprimoradas para tomada de decisões, colaboração e financiamento estratégico.”

A OIC também pretende expandir o banco de dados para incluir projetos financiados por bancos de investimento e fundos de desenvolvimento, fortalecendo ainda mais a articulação de esforços sustentáveis no setor cafeeiro.

Fonte: [Daily Coffee News: ICO Unveils Global Database of 400+ Coffee Sustainability Projects](#)

Data de publicação: 24 de junho de 2025





O conflito crescente no Oriente Médio afetará a indústria do café?

Embora Irã e Israel não sejam produtores comerciais de café, o agravamento do conflito no Oriente Médio está afetando diretamente a logística global do setor cafeeiro. Ataques recentes e a instabilidade na região levaram ao desvio de embarcações do Canal de Suez para o Cabo da Boa Esperança, aumentando o tempo de trânsito em cerca de 10 dias, elevando os custos e sobrecarregando a capacidade de transporte marítimo.

Esse cenário tem impacto significativo sobre os cafés exportados por países da África Oriental — como Etiópia, Quênia, Ruanda e Uganda —, cujas cargas tradicionalmente seguem pelo Canal rumo à Europa, América do Norte e Oceania. A redução da capacidade global, aliada a cronogramas irregulares, congestionamentos portuários e escassez de contêineres, também afetou embarques de grandes produtores asiáticos como Vietnã e Indonésia.

De acordo com Dominic Enthoven, da MPC International, havia expectativa de retomada gradual do uso do Canal de Suez, o que poderia aliviar a pressão sobre o frete. No entanto, com a intensificação do conflito e o risco de novas sanções ou embargos, inclusive no estratégico Estreito de Ormuz, os custos de transporte tendem a permanecer elevados — impactando diretamente os importadores de café por meio do aumento do BAF (fator de ajuste de combustível).

Para o setor cafeeiro, isso significa fretes mais caros, prazos de entrega mais longos e maior imprevisibilidade logística — fatores que afetam a competitividade dos cafés exportados e pressionam os preços ao longo da cadeia.

Fonte: [Global Coffee Report: Will the escalating conflict in the Middle East impact the coffee industry?](#)

Plano Mattei para promover cadeias de valor de café resilientes ao clima na África

A primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni, e a presidente da Comissão Europeia, Ursula Von Der Leyen, lideraram em Roma o evento “O Plano Mattei para a África e o Global Gateway: um esforço comum com o continente africano”. O encontro reuniu autoridades africanas de Angola, República Democrática do Congo, Tanzânia e Zâmbia, bem como representantes de importantes instituições financeiras internacionais, como FMI, Banco Mundial e Banco Africano de Desenvolvimento.

Durante o evento, Itália e União Europeia (UE) reafirmaram seu compromisso com uma parceria estratégica voltada ao desenvolvimento sustentável, à cooperação econômica e à integração regional no continente africano, com foco especial em projetos estruturantes como o Corredor do Lobito — um eixo logístico que conectará regiões interiores da África aos mercados internacionais.

Foi assinado um Memorando de Entendimento entre países africanos, a UE, os Estados Unidos e instituições financeiras, com o objetivo de posicionar o corredor logístico como um vetor de desenvolvimento sustentável e de alto impacto. Os líderes também manifestaram intenção de acelerar investimentos em setores interligados, como infraestrutura, energia, agricultura e comércio, por meio de uma abordagem integrada que fortaleça economias locais.

No setor agrícola, o destaque foi a cooperação trilateral para promover cadeias de valor resilientes ao clima, com atenção especial ao café na África Oriental. Uma nova iniciativa conjunta apoiada pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO), instituições italianas e parceiros multilaterais visa fortalecer o setor cafeeiro por meio de financiamento direcionado e instrumentos como seguros agrícolas.

Por fim, a União Europeia anunciou a assinatura de uma garantia com a instituição italiana Cassa Depositi e Prestiti (Banco de desenvolvimento italiano), no valor de 109 milhões de euros (R\$ 700 milhões) para impulsionar sistemas agroalimentares sustentáveis por meio da iniciativa, promovendo capacitação e acesso a financiamentos inovadores.

Fonte: [International Comunicaffé: Mattei Plan to promote climate-resilient value coffee chains in Africa](#)

Exportação de café da Etiópia cresce em mais de 2,13 milhões de sacas, fortalecendo a competitividade do mercado internacional

As exportações de café da Etiópia ultrapassaram significativamente as metas estabelecidas para o atual ano fiscal, atingindo 6,826 milhões de sacas — um aumento expressivo em relação às 4,681 milhões de sacas planejadas, passando mais de 2,133 milhões de sacas do que o planejado. Segundo a Autoridade Etíope de Café e Chá (ECTA), o desempenho foi impulsionado por reformas estratégicas, como a concessão de direitos de exportação direta a agricultores licenciados, o que permitiu a exportação independente por mais de 100 produtores e resultou na triplicação dos lucros do setor.

O vice-diretor da ECTA, Shafi Umer, também destacou a importância do primeiro centro de degustação de café da África Oriental e da Iniciativa Legado Verde, que plantou mais de oito bilhões de mudas, elevando a qualidade do produto e atraindo maior interesse internacional. A Etiópia passou a exportar para 20 novos mercados, refletindo sua estratégia de diversificação e fortalecimento da posição global.

Hussein Ambo, presidente da Associação Nacional de Café da Etiópia, ressaltou os esforços de promoção internacional e a colaboração com instituições como a Universidade Hawassa e a Autoridade de Propriedade Intelectual da Etiópia, visando valorizar o café etíope, especialmente o de Sidama. Parcerias com universidades em regiões produtoras também estão sendo ampliadas para apoiar a pesquisa e a transferência de conhecimento.

Fonte: Ethiopia's Coffee Export Soars by over 128,000 Tons, Strengthening Intl Market Competitiveness

Data de Publicação: 30 de junho de 2025



Vendas de café se aproximam de R\$ 10,40 bilhões (US\$ 1,9 bilhão) em Honduras

As exportações de café de Honduras para a atual safra 2024-2025 geraram R\$ 10,4 bilhões em receita, de acordo com dados do Instituto Hondurenho do Café (IHCAFE) divulgados por vários meios de comunicação.

Em seu relatório mais recente, o IHCAFE destacou que o valor das vendas de café, entre outubro de 2024 e junho de 2025, apresentou um aumento de 85%, equivalente a R\$ 7,12 bilhões registrado no ciclo 2023-2024, impulsionado principalmente pelos altos preços internacionais do café, que continuam subindo.

O volume exportado também apresentou aumento de 3,0%, atingindo 5,27 milhões de sacas, ante 5,12 milhões registrados no ano anterior, destacou o IHCAFE. Os contratos de venda totalizam 5,95 milhões de sacas, um aumento de 5,0%, em contraste com os 5,68 milhões acordados na temporada passada. Segundo estimativas do Instituto Hondurenho do Café, o país, maior produtor da América Central, espera exportar quase 7 milhões de sacas na safra atual.

O café contribui com mais de 3% para o Produto Interno Bruto (PIB) global e quase 30% do PIB agrícola. A temporada de café no país, vai de 1º de outubro a 30 de setembro do ano seguinte. Entre os principais destinos do café hondurenho estão Estados Unidos, Alemanha e Bélgica, que juntos representam 58,9% do total exportado.

Fonte: [Prensa Latina: Honduras: Coffee sales approach \\$1.9 billion](#)

Data de publicação: 30 de junho de 2025



Por que a cultura do café ecológico está prosperando na Costa Rica

Na região de Los Santos, na Costa Rica, é mundialmente reconhecida pela produção de cafés de alta qualidade. Cultivado em altitudes entre 1.000 e 1.800 metros, o café dessa região se beneficia de condições geográficas e climáticas ideais, resultando em grãos com características de acidez apreciadas globalmente.

A cultura cafeeira é o pilar da economia local. Praticamente toda a comunidade depende do café, tanto economicamente quanto culturalmente. Para os moradores, saborear uma xícara de café é também valorizar o trabalho intenso e artesanal por trás de cada grão. Como destaca Julio Naranjo, gerente de comunicação e marketing da CoopeTarrazú, cada bebida representa dedicação e tradição. A CoopeTarrazú é a maior cooperativa de café da Costa Rica, com cerca de 4.500 produtores associados. A colheita é realizada manualmente, e durante o período da safra, a região recebe cerca de 15 mil trabalhadores migrantes vindos do Panamá e da Nicarágua. Essa força de trabalho é essencial para sustentar a cadeia produtiva do café.

Após a colheita, os grãos são entregues em centros de recebimento da cooperativa, que possui duas plantas de beneficiamento e mais de 60 pontos de coleta. O processo inclui lavagem, secagem e a etapa de “catación” (degustação), antes do beneficiamento final e exportação. Aproximadamente 90% da produção da cooperativa é destinada ao mercado internacional.

Além da produção, o sabor do café de Los Santos também é notável. Os grãos apresentam notas de pêssego, limão doce e chocolate, características que encantam os paladares mundo afora. “Trabalhar com o café nessa região é mais do que uma profissão: é motivo de orgulho”, diz Julio Naranjo.

A sustentabilidade é um dos pilares do trabalho da CoopeTarrazú. A cooperativa oferece gratuitamente adubo orgânico aos produtores e promove práticas de economia circular e reciclagem de nutrientes. Seu departamento de pesquisa e desenvolvimento investe em alternativas orgânicas e novas variedades mais resilientes às mudanças climáticas e pragas.

Um dos projetos sociais mais significativos é o “Casas da Alegria”, centros de cuidado infantil para filhos de trabalhadores da colheita. Esses espaços oferecem alimentação, atividades lúdicas e acompanhamento especializado, combatendo o trabalho infantil e proporcionando segurança às famílias.

A CoopeTarrazú é uma organização voltada ao bem comum, cujos impactos econômicos e sociais ultrapassam as fronteiras da Costa Rica. O desafio contínuo é encontrar mercados para seu café especial sem abrir mão dos valores e da essência que tornam sua produção única. Sem dúvida, um bom exemplo de como tradição, qualidade e responsabilidade social podem caminhar juntas em uma xícara de café.

Transformando resíduos de casca de café em chocolate no Brasil

A startup brasileira Cellva desenvolveu um produto inovador chamado CoffeeCoa, feito a partir da casca do café, com o objetivo de oferecer uma alternativa sustentável ao cacau. A iniciativa busca reduzir o desperdício e as emissões associadas às cadeias produtivas tanto do café quanto do chocolate, ambas reconhecidamente intensivas em carbono.

A proposta da Cellva alia sustentabilidade e inovação tecnológica: ao reaproveitar um resíduo abundante, a casca do café. A empresa pretende reduzir significativamente o impacto ambiental, economizando terra, água e diminuindo as emissões de gases de efeito estufa. Segundo a empresa, o CoffeeCoa pode custar até 30% menos que o cacau, consumir 90% menos terra e reduzir o uso de água em mais de 70%, o que representa grandes benefícios ambientais e econômicos.

Além de seu apelo ecológico, o CoffeeCoa apresenta características sensoriais e nutricionais semelhantes às do cacau, com compostos naturais que conferem sabor doce, notas caramelizadas e alto teor de antioxidantes e fibras, promovendo benefícios como saciedade, saúde digestiva e metabólica. Apesar de ainda estar em fase pré-comercial, o produto já despertou interesse significativo no mercado, com contratos de intenção de compra que ultrapassam 5 milhões de dólares e demanda prevista superior a 450 toneladas por ano. A produção será iniciada na Bahia, e a empresa já articula parcerias com distribuidores da América Latina, Austrália e outros mercados promissores como Europa e Ásia-Pacífico.

A Cellva acredita que o CoffeeCoa poderá atender à crescente demanda global por ingredientes funcionais, sustentáveis e de rótulo limpo, especialmente nos setores de café premium, confeitaria artesanal e panificação de alta qualidade.

Fonte: [Global Coffee Report: Transforming waste coffee husk into chocolate](#)

Robótica e a automação reduzem dependência de trabalho no café, diz especialista em IA

A chamada "revolução de convergência" representa a integração de tecnologias emergentes como inteligência artificial (IA), Internet das Coisas (IoT), biotecnologia, robótica, nanotecnologia e blockchain para transformar setores econômicos, inclusive a agricultura cafeeira. Segundo Anderson Rocha, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e especialista em IA, essa revolução tem promovido avanços significativos na produção de café.

No setor cafeeiro, a convergência tecnológica possibilita o monitoramento inteligente do solo e do clima por meio de sensores e algoritmos, o que permite uma irrigação e fertilização mais precisas. Drones e robôs automatizam a colheita, aumentando a eficiência e reduzindo perdas. O uso de blockchain garante a rastreabilidade da cadeia produtiva, assegurando a qualidade e a sustentabilidade do produto até o consumidor final. Uma das tecnologias emergentes que vêm ganhando destaque é a blockchain, já aplicada na rastreabilidade da cadeia produtiva do café.

A blockchain consiste em um sistema de registro descentralizado que armazena informações de maneira permanente e segura, organizando-as em blocos interligados em ordem cronológica — daí o nome, que significa "cadeia de blocos". Cada bloco contém dados específicos, um registro de data e hora (timestamp) e uma referência criptografada ao bloco anterior, formando uma estrutura encadeada. Todas as transações realizadas são registradas em um livro-razão digital, que pode ser público ou privado, garantindo transparência e integridade das informações.

O uso de criptografia torna esses dados altamente seguros, dificultando alterações ou tentativas de fraude. Além disso, como não depende de um servidor central ou autoridade única de controle, a blockchain é considerada uma tecnologia descentralizada, o que aumenta sua confiabilidade.





No contexto da cafeicultura, essa tecnologia é particularmente importante porque permite rastrear todo o percurso do produto — desde o cultivo na fazenda até a chegada ao consumidor final. Isso garante maior transparência, aumenta a confiança dos compradores e contribui para a certificação de práticas sustentáveis. Como consequência, o valor do produto é elevado, já que a rastreabilidade agrega credibilidade e diferenciação no mercado.

Por exemplo, uma cooperativa brasileira de produtores de café pode registrar, por meio da blockchain, informações detalhadas sobre os métodos de cultivo, o transporte e as certificações de qualidade. Assim, compradores internacionais têm acesso confiável a esses dados, podendo verificar a origem e as condições de produção do café adquirido.

Além disso, biotecnologia e IA estão sendo empregadas para desenvolver variedades de café mais resistentes a pragas e mudanças climáticas, enquanto a automação ajuda a lidar com a escassez de mão de obra. Tais avanços melhoram não apenas a produtividade, mas também a sustentabilidade da produção cafeeira, alinhando-se às exigências do mercado global.

Fonte: Café Point: "Robótica e a automação reduzem dependência de trabalho no café", diz especialista em IA

Data de publicação: 06 de junho de 2025

Cultivo de café canéfora sem irrigação avança no Acre

Uma pesquisa conduzida no Acre por diversas instituições, incluindo a Embrapa Café, demonstrou a viabilidade do cultivo de cafeeiros clonais da espécie Coffea canephora (robusta) no Vale do Juruá, sem necessidade de irrigação. Os resultados estão publicados no documento “Cultivo de cafeeiros clonais em condições de sequeiro no Vale do Juruá, Acre”. Segundo Antonio Fernando Guerra, chefe-geral da Embrapa Café, o uso de variedades clonais tem sido essencial para o avanço da cafeicultura na Amazônia, especialmente em Rondônia. Essas cultivares, adaptadas ao solo e clima da região, vêm promovendo ganhos econômicos e sociais sustentáveis.

O estudo foi iniciado em 2017 na Fazenda Experimental da UFAC – Campus Floresta, com o plantio de dez clones híbridos desenvolvidos para o bioma amazônico. Entre 2019 e 2022, as colheitas apresentaram média de 77 sacas por hectare, com alguns clones superando 100 sacas/ha. Os cinco com melhor desempenho foram: BRS 2336, BRS 3210, BRS 1216, BRS 3137 e BRS 3213.

O pesquisador Marcelo Espindula enfatiza que, na escolha dos clones, devem-se considerar, além da produtividade, características como porte da planta, resistência a pragas e doenças e o ciclo de maturação. Ressalta ainda a importância de não restringir os plantios a poucos clones, para garantir maior segurança genética, estabilidade produtiva e prevenção de pragas e doenças.

O cultivo em sequeiro é especialmente útil em áreas remotas com pouca infraestrutura, onde o uso da irrigação é limitado pelo alto custo e baixa disponibilidade de energia. Contudo, em locais com melhor acesso, a irrigação continua sendo recomendada por aumentar a eficiência no uso de insumos e a produtividade.

Fonte: Revista Cultivar: Cultivo de café canéfora sem irrigação avança no Acre

Data de publicação: 27 de junho de 2025



Exportação dos Cafés do Brasil totaliza 42,96 milhões de sacas no acumulado de onze meses



As exportações brasileiras de café no período de julho de 2024 a maio de 2025 totalizaram 42,96 milhões de sacas de 60 kg, o que representa uma ligeira queda de 2% em relação ao mesmo intervalo do ano anterior. No entanto, a receita cambial alcançou o recorde histórico de R\$ 74,26 bilhões, impulsionada pelo valor médio da saca (US\$ 318,64/ R\$ 1739,93), superando em muito o antigo recorde de R\$ 53,62 bilhões. Com o acréscimo dos dados de junho, a expectativa é que esse valor ultrapasse os R\$ 76,45 bilhões (US\$ 14 bilhões).

Dentre os tipos exportados, o café arábica foi responsável por 76,74% do total (32,97 milhões de sacas), seguido pelo conilon/robusta (14,19%) e pelo café solúvel (8,93%). O café torrado e moído representou uma fração residual (0,1%).

Apesar da queda de 33,3% no volume exportado em maio de 2025 (2,93 milhões de sacas), em comparação com o mesmo mês do ano anterior, a receita obtida no mês aumentou 21,1%, totalizando R\$ 6,77 bilhões, maior valor já registrado para maio.

Entre janeiro e maio de 2025, as exportações somaram 16,79 milhões de sacas e geraram R\$ 37,24 bilhões. Os Estados Unidos lideram o ranking dos principais destinos, seguidos por Alemanha, Itália, Japão e Bélgica. Apesar de quedas nas compras de vários países europeus, mercados como Japão, Rússia e Coreia do Sul registraram crescimento.

Destaca-se ainda que cafés diferenciados (de qualidade superior ou com certificações sustentáveis) representaram 22% do total exportado nesse período, embora com queda de 7,2% em relação ao mesmo período de 2024.

Fonte: Consórcio Pesquisa Café: Exportação dos Cafés do Brasil totaliza 42,96 milhões de sacas no acumulado de onze meses

Quanto o preço do café colombiano aumentou nos últimos 5 anos?

Um estudo recente realizado em Planadas, Tolima (Colômbia), identificou que pequenos produtores de café especial enfrentam um significativo problema de assimetria informacional na comercialização de seus produtos. Esses produtores dependem majoritariamente de fontes limitadas, como líderes comunitários, rádio local e feiras, tendo acesso restrito a informações essenciais sobre mercados internacionais, confiabilidade dos compradores e aspectos logísticos. Embora existam dados públicos disponíveis, eles estão dispersos e, muitas vezes, retidos por intermediários, que acabam mantendo uma vantagem competitiva nas negociações.

Esse desequilíbrio informacional compromete a capacidade dos produtores de negociar eficazmente e restringe seu acesso a preços premium. Além dos fatores básicos de precificação, os produtores de café especial precisam de conhecimento específico sobre padrões de qualidade, demanda dos compradores e custos logísticos, uma vez que essas características estão diretamente relacionadas aos preços diferenciados do segmento de café especial.

Para chegar a essas conclusões, foi conduzido um estudo utilizando a metodologia de desenho descritivo, que investigou as experiências de 52 pequenos produtores de café especial na região de Planadas, Tolima. Foram aplicadas duas pesquisas: a primeira, com 36 agricultores, focou na importância de sete variáveis de informação para suas decisões de preço e venda; a segunda, com 16 agricultores distintos, abordou o acesso e as fontes dessas informações. As sete variáveis avaliadas foram: localização dos mercados, número de compradores, confiabilidade dos compradores, métodos de pagamento, qualidade exigida, custos de transporte e distância até os mercados.

Principais resultados:

- Os agricultores consideraram todas as sete variáveis extremamente importantes para a tomada de decisões, destacando especialmente a relevância de conhecer novos mercados e compradores para ampliar oportunidades e aumentar o poder de negociação.
- A confiabilidade dos compradores foi vista como fundamental para estabelecer relações de confiança e facilitar negociações rápidas e justas.
- O conhecimento dos métodos de pagamento, custos de transporte e expectativas de qualidade foi apontado como essencial para o planejamento financeiro e comercial.
- Apesar da importância dessas informações, a segunda pesquisa revelou que os produtores enfrentam dificuldades significativas para acessá-las, relatando acesso “raro” ou difícil a todos os tipos de informação investigados.

O estudo tem sua importância para mostrar que melhorar o acesso dos produtores a informações de mercado é crucial para aumentar sua renda, sustentabilidade e autonomia nas negociações, envolvendo uma parceria para todos os envolvidos no mercado.

Fonte: [Comunicaffe Internacional - Who knows what? Market information access for small specialty coffee farmers in Tolima, Colombia](#)

ALKO capacita agricultores a quebrar barreiras e aprender com o Vietnã para o futuro do café indonésio

A Cooperativa ALKO Sumatra realizou, de 17 a 20 de junho de 2025, uma imersão prática internacional por meio do programa “Coffee Farmers Go Global” (Produtores de Café se Globalizam). A iniciativa levou produtores associados da ALKO, representando oito províncias, entre elas Solok, Kerinci, Lampung e Sumatra Ocidental até Da Lat no Vietnã, o segundo maior produtor de café do mundo, com o objetivo de trocar conhecimentos, absorver boas práticas e estabelecer parcerias estratégicas com foco em inovação e sustentabilidade.

A proposta do programa é formar agricultores protagonistas da transformação do setor, do campo local ao mercado global. A agenda técnica incluiu visitas a fazendas-modelo, viveiros certificados e encontros com jovens lideranças agrícolas. Os participantes visitaram:

Fazenda Elon – Um moderno empreendimento de café robusta gerido por agricultores millennials, onde os produtores aprenderam sobre sistemas eficientes de produção, gestão cooperativa e práticas avançadas de pós-colheita para exportação.

Thy Thy Farm – Uma plantação comunitária de café arábica, modelo de sustentabilidade e alta produtividade, liderada por jovens agricultores, demonstrando o sucesso do desenvolvimento comunitário no setor.

Viveiro Certificado de Café – Um viveiro oficial do Vietnã que certifica sementes de alta qualidade, onde os agricultores conheceram técnicas de seleção e práticas profissionais aplicáveis aos sistemas de cultivo da Indonésia.

Além das visitas técnicas, o programa fortaleceu a colaboração internacional por meio de acordos com as lideranças vietnamitas Jenny Le Thao e Le Ngoc Thy, que se comprometeram a implementar sistemas de rastreabilidade via blockchain pela plataforma QthingX. A tecnologia permite maior transparência na cadeia, além de impulsionar o acesso a mercados globais com foco em qualidade e origem garantida.

Fonte: International Comunicaffe: ALKO empowers farmers to break boundaries and learn from Vietnam for the future of Indonesian coffee

Data de Publicação: 24 de junho de 2025



Café mais barato? Vietnã colhe safra turbinada por chuvas e pode aliviar preço global

A produção de café robusta no Vietnã, maior produtor global da variedade, deve aumentar 7% na safra 2025/2026, alcançando 30 milhões de sacas, o maior volume em quatro anos. O presidente da Associação de Café Buon Ma Thuot relatou que a precipitação veio no momento certo, durante o início da florada para frutificar. O crescimento é impulsionado por condições climáticas favoráveis, especialmente chuvas regulares e bem distribuídas nas principais regiões produtoras como Dak Lak, reduzindo os custos de irrigação e incentivos para uso de adubação.

O cenário positivo também se deve à adoção de boas práticas agrícolas por parte dos produtores, motivados pelos preços elevados. A expansão do cultivo em algumas áreas deve reforçar ainda mais a produção. O aumento da oferta pode impactar os preços globais, com possibilidade de redução nos custos das bebidas feitas com robusta.

Fonte: [Bloomber Glinea: Café mais barato? Vietnã colhe safra turbinada por chuvas e pode aliviar preço global](#)

Data de Publicação: 24 de junho de 2025



Na Índia, os sistemas agroflorestais de café também podem funcionar como viveiros de sementes

Pesquisadores da Nature Conservation Foundation (NCF), em colaboração com produtores de café de Karnataka, propõem que sistemas de produção de café em agroflorestas, especialmente aquelas com árvores nativas, podem ser fontes éticas e eficazes de sementes e mudas para restauração florestal. O estudo, realizado em oito fazendas dos distritos de Hassan e Chikmagalur, registrou 3.755 árvores de 102 espécies, sendo 61 úteis para restauração em áreas degradadas e 22 consideradas prioritárias para conservação. Os pesquisadores resgataram 14 mil sementes e 4.200 mudas de 50 espécies nativas. Os números superam os de viveiros florestais locais, que muitas vezes trabalham com menor diversidade.

Essa coleta aproveita sementes que normalmente seriam descartadas durante a poda das árvores de sombra, o que os cientistas chamam de “resgate”. A vantagem é que essas espécies já estão adaptadas à paisagem e ao clima locais, aumentando as chances de sucesso da restauração. Apesar do potencial, existem desafios. Muitos agricultores preferem árvores exóticas como o carvalho-prateado, que exige menos manutenção e oferece sombra adequada para o cultivo de pimenta, uma cultura lucrativa que também é cultivada junto do café. Há também a falta de viveiros suficientes para manter as mudas até que estejam prontas para o plantio. Os pesquisadores sugerem a criação de incentivos financeiros, como pagamentos por serviços ecossistêmicos/ambientais, para estimular os agricultores a cultivar e conservar espécies nativas. Além disso, defendem que as marcas de cafés especiais aproveitem essa conexão com a biodiversidade para promover práticas sustentáveis além das fazendas, ampliando o impacto para áreas vizinhas por meio da restauração ambiental.

Fonte: [Daily Coffee News: In India, Coffee Agroforestry Systems May Also Work as Seed Nurseries](#)

Conselho de Café da Índia relata aumento nas exportações de café

Dados divulgados pelo Coffee Board of India mostraram um aumento nas exportações de café do país, com mais de 25% de crescimento registrado até agora no ano fiscal de 2025-26 em comparação ao ano anterior. O anúncio do Conselho destaca a continuidade do forte setor exportador de café, que no ano fiscal de 2024-25 viu as exportações aumentarem 40,20%, atingindo US\$ 1.803 milhões. Esse valor representa um aumento considerável em comparação aos US\$ 1.286 milhões registrados no ano fiscal de 2023-24.

O Coffee Board visa promover os cafés indianos globalmente por meio de diversas iniciativas. Essas iniciativas incluem: organização de encontros entre compradores e vendedores; atividades promocionais direcionadas no exterior; obtenção de selos de Indicação Geográfica (IG) para cinco cafés regionais e dois especiais; e uso de campanhas de mídia digital para enfatizar as características únicas do café cultivado na Índia.

Segundo o Conselho, a Índia é o sétimo maior produtor de café do mundo, contribuindo com 3,5% da produção global. O país também é o quinto maior exportador, respondendo por 5% das exportações mundiais de café.

Fonte: [Global Coffee Report: Coffee Board of India reports surge in coffee exports](#)

Data: 23 de junho de 2025





Conselho Nacional do Café



Ano Internacional
das Cooperativas

Cooperativas constroem
um mundo melhor

A casa das cooperativas, associações e entidades do café

Destacamos o papel fundamental da nossa liderança maior, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), na figura do ilustre presidente Márcio Lopes de Freitas, que tem sido um grande aliado nas iniciativas que visam o fortalecimento do setor cafeeiro.

É fundamental considerar o mérito e a importância de nossas cooperativas associadas, que sustentam e viabilizam o trabalho desenvolvido pelo Conselho Nacional do Café.

Prezamos crescimento e inovação, planejando novas ações e estratégias para consolidar ainda mais a posição de liderança no cenário nacional e internacional da cafeicultura.

Equipe e Colaboradores do Conselho Nacional do Café (CNC).

Fique por dentro!

www.cncafe.com.br

FALE CONOSCO

(61) 3226-2269

SCN Qd. 01, Bl C, nº 85, Ed. Brasília Trade Center
... Sl. 1.101 - Brasília/DF
presidente@cncafe.com.br



@cafe.cnc40



@ConselhoNacionalDoCafe



@conselhonacionaldocafe



@cafecnc



@cncafe